



De Cacharrom a Castinheiras: Espanha declara a guerra à juventude revolucionária

Novembro de 2005

Berta Lôpes Permui (detida na Operação Cacharrom)

As organizações juvenis independentistas galegas padeceram nos últimos seis meses duas operações repressivas por parte da Guarda Civil.

O passado mês de Junho, concretamente os dias 1, 2 e 9, nas cidades da Corunha e Compostela a Guardia Civil punha em marcha a operação "Cacharrón", no marco da qual fomos detidos seis militantes de BRIGA, cinco dos quais fomos acusados e estão sendo processados por associação ilícita, injúrias às instituições do Estado e danos.

Naquela altura BRIGA junto com diversas entidades e pessoas solidárias alertaram do salto qualitativo que esta operação supunha no nível de repressão do que a esquerda independentista vinha sendo objecto nos últimos anos. Dezenas de agentes mobilizados, centos de páginas dedicadas às diligências, intervenção de material informático e a solicitude de diversas medidas cautelares, tais como a prisão preventiva para os detidos ou a intervenção de telefones e correios electrónicos, eram mostra suficiente de que o Estado pretendia dar um passo adiante declarando a guerra aberta à esquerda independentista.

Este processo contou com o silêncio cúmplice duns meios de comunicação que decidiram ocultar as detenções e levantar um muro de silêncio arredor do grave ataque que estas supunham para os direitos civís e políticos da juventude galega. Mas foram os meios únicos cúmplices da Guarda Civil. Também os partidos do sistema, incluídos os do suposto câmbio, que daquelas estavam colocados e preparados para a carreira eleitoral que os instalaria na política de moqueta definitivamente, optaram por botar terra sobre o assunto e olhar para o outro lado.

O passado 15 de Novembro, apenas seis meses após a operação "Cacharrón", a Guarda Civil cenicou o segundo acto desta farsa de inspiração fascista. Nesse dia, o independentismo galego seria objecto dumha histórica razzia policial, que tivo como conseqüências dez detenções, registos em moradas particulares e centros sociais assim como o linchamento mediático do conjunto do movimento, especialmente da organização juvenil AMI.

Desta volta, e com as eleições ganhas, os gestores do sistema decidiram dar a máxima difusão às detenções e cenicar algo parecido ao que costumamos ver nos filmes, para demonstrar que a democracia funciona e que como afirmou o amigo Bugalho "colar cartazes, fazer pintagens e boicotar actos do alcaide" tem o seu preço. Mas foram estes os únicos que decidiram saltar à cena para comer um pedaço de bolo do protagonismo mediático. Também Tourinho, o presidente da Junta do câmbio, e Manuel Fraga, o presidente que substituíram, apressaram-se a felicitar e apoiar a Guarda Civil pelas detenções, cada qual no seu estilo e talante mas com o mesmo fundo.

Mas não só. O flamante vice Quintana, transformado num desses espontâneos que saltam no meio do espectáculo para demonstrar as suas dotes, felicitou às Forças de Segurança do Estado por um trabalho bem feito, numha dessas declarações às que nos tem acostumado o autonomismo sobre a fortaleza do Estado de Direito, espanhol pois.

Os companheiros e eu própria detidos no mês de Junho fomos testemunhas das agres queixas dos mandos da Brigada de Informação pola ineficácia dos "juizes de províncias" (sic) que faziam caso omisso das suas petições. "Si es que esto em Madrid no pasa" afirmavam contrariados os cacharrons e castinheiras.

A saída em liberdade dos detidos supom o segundo fracasso parcial para a operação da Guardia Civil, chame-se "Cacharrón" ou "Castinheiras". Nem sequer apresentando-se com o aval, inicial polo



Artigos de opinião

www.briga-galiza.org

menos, da Audiência Nacional conseguírom “desarticular” organização nengumha. Mas há que estar alerta ao seu seguinte passo. Se calhar na próxima operação que articulem contra o independentismo, botam mao do tribunal de Estrasburgo ou mesmo do tribunal da Haya.

É evidente que devemos congratular-nos pola posta em liberdade d@s dez companheir@s e o traslado das diligências a um julgado espanhol na Galiza. Mas a satisfação nom deve fazer-nos esquecer que já som 15 as pessoas processadas por associação ilícita e duas as organizações sociais sobre as que pende a espada de Damocles da ilegalização. Devemos afinar as nossas ferramentas organizativas, alargar a solidariedade e continuar golpeando um Estado que ainda apenas começa a mostrar-nos os dentes, com simulacros da sua onnipotência repressiva.